

As classes trabalhadoras começam a despertar para a luta contra a carestia da vida

E' preciso que o movimento de protesto iniciado no Pôrto contra os manejos dos assambarcadores tenha repercussão em todo o país. Todos os organismos operários devem interessar-se pelo magno problema, promovendo sessões e comícios e chamando ao seu seio todo o povo trabalhador para que, bem organizado, possa defender-se da exploração capitalista.

READQUIRINDO O ANTIGO VIGOR

Dissemos que não é apenas em Lisboa que o proletariado começa a interessar-se pela sua organização sindical. No Pôrto, também a classe trabalhadora renasce para a luta. Citámos até, como exemplo desse renascimento, a preparação que a mocidade operária daquela cidade está fazendo da II Conferência Juvenil. Mas não é apenas por esse facto que se nota o ardor, o entusiasmo com que os militantes operários se lançaram ao trabalho. Há mais, com júbilo o constatamos.

A Câmara Sindical do Trabalho do Pôrto, compreendendo a gravidade da hora que passa, lançou-se num movimento, simpático a toda a população, contra a carestia da vida e contra os comerciantes gananciosos.

Esse movimento, que merece ser seguido e imitado pelos organismos operários de todo o país, é um esplêndido sintoma de vitalidade, é a semente que deve medrar e florir numa acção conjunta de todo o povo trabalhador contra a exploração de que está sendo vítima.

Incitamos a Câmara Sindical a que prossiga na sua benéfica acção, que não desanime nem deixe falecer as forças que ora surgem para erguer bem alto o prestígio da Organização.

Ontem, promovidas pela aludida Câmara deveriam ter-se realizado duas importantes sessões de protesto contra a carestia, uma na sua sede e outra na do Sindicato Unico do Vestuário.

Representam estas sessões um belo esforço que o povo trabalhador do resto do país não deve deixar isolado. Impõe-se, ou melhor, impõem-no as circunstâncias, que sessões idênticas se realizem por toda a parte para que os exploradores saibam que o povo não está disposto a deixar-se roubar, sem fazer ouvir bem alto e bem vibrante o seu cõro de protestos.

Sem quereremos imiscuir-nos nos trabalhos internos da Câmara Sindical do Pôrto, que tão boa-vontade de acertar demonstra, permitimo-nos lembrar que não seria de má fãctica, nas sessões contra a carestia da vida, ventilar-se o problema da crise de trabalho que lhe está intimamente ligado e que o conselho da Câmara efectivasse e tentasse materializar, pela reclamação constante e inteligente, estudos sobre a maneira de resolvê-lo.

O proletariado, como se vê, começa a erguer-se do seu marasmo. E' preciso agora acordar os retardatários apontando-lhes exemplos dignificantes, como o da Câmara Sindical do Pôrto.

Notas & Comentários

Aniversário de "O Mundo"

Passou ontem o 23.º aniversário do jornal O Mundo. Embora nos separem os princípios que defendemos, não deixamos de nos registar com o facto. Nesta hora amarga em que a imprensa, atravessando uma crise esmagadora, tão perseguida a moral e materialmente um 23.º aniversário de um jornal é um facto que nos enche de regosio.

Uma canalhice

Bartolomeu Severino que, de rabiscador, sem gramática em Lisboa, passou a grande senhor e esteio de Azevedo Coutinho em Lourenço Marques, ordenou ao director dos Correios daquela cidade que não entregasse aos destinatários a correspondência para ali enviada pela C. G. T. e pela Batalha. E a pesar daquela ordem não ser acatada, por contrária a lei, até 16 de Agosto último a correspondência não foi entregue.

Uma saudação

A última assembleia geral da Liga Pró-Moral, instituição de protecção à criança, votou por aclamação uma das conclusões do relatório da gerência que terminou o seu mandato, na qual era proposto um voto de louvor e agradecimento ao jornal A Batalha pelo admirável auxílio que a Liga Pró-Moral tem prestado. Registamos a saudação com muito agrado.

A CARESTIA DA VIDA

O proletariado não está disposto a que a classe capitalista realize negociações à custa da sua miséria

O povo trabalhador, que luta com a fome, quer trabalho e está disposto a combater a especulação dos gananciosos

Os horrores da miséria e da fome estão fazendo vítimas por todo o país. O frio, as chuvas e todas as torturas do inverno aproximam-se a passos gigantes e acabam por dizimar os famintos que lutam, em vão, com a falta de trabalho.

Nesses lares sem pão e sem conforto, transformam-se lentamente os trabalhadores em raquitos ou em criminosos, que a sociedade burguesa prepara cnicamente, negando-lhes o trabalho com que hão-de sustentar-se e aos seus entes queridos.

Neste momento em que o quadro da miséria e da fome é já sinistro, o nojento açambarcador vibra o golpe hediondo do aumento do preço da vida, não se lembrando que, roubando o consumidor, as suas próprias mãos, cortam, talham, pouco a pouco, a mortalha que há de envolver seus crimes repugnantes.

As classes trabalhadoras começam a reagir, defendendo-se do assalto que os poderosos estão fazendo aos seus magros salários. A Batalha, sempre no seu posto, desperta os trabalhadores para que se unam solidariamente e se aprestem para o combate. Proclama a luta sem tréguas aos parasitas sem moral, ao negociante sem escrúpulos, ao açambarcador nojento, à finança vil. Nunca a classe capitalista se mostrou tão odiosa e cruel como nestes últimos tempos. Desceu à mais baixa degradação.

Essa degradação que os factos constantemente denunciam e demonstram, urge o por uma luta sã, um combate leal e franco que, pela sua energia e pela lisura de processos, prove que as classes trabalhadoras, não usando dos meios desonestos da burguesia, sabe defender-se e combater por uma causa superior e justa.

Enquanto o capitalismo usa a fraude e o roubo, o proletariado usa a força da sua solidariedade e da razão lhe assiste. Deixá-lo, a eles só, atascarem-se na lama.

Eles duplicaram as notas de todas as chapas e séries e os homens que gozam o privilégio de fazer emissões, que não aplicaram ao menos em obras de utilidade pública, ainda por cima cometem o crime de auxiliar e proteger o assambarcador, em nome do Banco que o Estado mantém à nossa custa. As toneladas de papel moeda, postas em circulação secretamente ou legalmente, longe de irem beneficiar o povo trabalhador, fomentando trabalho e riqueza, foram beneficiar apenas os Inocentes e a finança. E é o proletariado que sofre, como se está vendo, a consequência dessas

negociações que à sombra do crédito do Estado esses cavalheiros sem escrúpulos vêm fazendo, prejudicando o povo humilde que curte miséria e não tem trabalho.

Declarou o actual governo que não quer que o luxo dos mandões dêste país vexa o escravo que moureja, dia a dia, o negro pão, com que engana a fome. Difícilmente realizará esse desejo se se deixar envolver pela manobra de «forças vivas» e de financeiros que habilmente pretendem envolvê-lo nos seus crimes.

A teia que a classe capitalista vem tecendo em torno do governo, em nome de uns supostos interesses da nação, que são os interesses inconfessáveis deles apenas, é espessa e enganosa. Financeiros arruinados, industriais falidos, comerciantes sem cotação, ávidos de dinheiro pretendem obter, em nome da economia nacional, dinheiro que a eles só aproveite. Os Inocentes não terão o menor escrúpulo em fabricá-lo, porque é o seu ofício. Mas o povo trabalhador continuará sem trabalho e sem pão, porque o dinheiro, que seria útil aplicado criteriosamente em obras de utilidade pública, depressa desaparecerá nos cofres dos Inocentes, dos assambarcadores, dos patriotas da rua dos Capelistas.

Não somos contrários ao aumento de circulação do papel moeda desde que este se transforme em riqueza económica pela acção do trabalho. Somos contrários, sim, às negociações ignóbeis de emissões clandestinas e outras facticidades que conduzem o povo trabalhador à beira do abismo.

As indústrias precisam ser auxiliadas, é certo, para que medrem, para que se desenvolvam, para que hajam trabalho, para que cesse a fome nos lares. Mas os industriais falidos, os financeiros provavelmente desonestos, os comerciantes que nos roubam no preço dos géneros, estabelecendo a miséria e a fome, esses, longe de serem auxiliados, devem ser mantidos em respeito.

Vamos para a realização duma grande obra de fomento nacional? Os operários assim o querem, porque desejam viver do trabalho honrado e porque aspiram ao progresso da colectividade. Que eles não queiram, porém, é que à sombra dessa obra e à custa do suor e da sua miséria, medrem parasitas, se façam negociatas de notas legais ou ilegalmente falsas — porque essas negociações é sempre o povo quem as paga.

Para defender-se da exploração deve o proletariado confiar mais nas suas forças

do que nas alheias. Aperfeiçoe os seus organismos de classe, edifique-se na crítica inflexível a todos os poderes da sociedade burguesa e prepare-se moralmente para a constituição duma sociedade melhor, regida pelos princípios de equidade do socialismo — única maneira de acabar com negociações e com explorações tão ignóbeis que envergonham a própria humanidade.

O atrevimento dos exploradores em Cascais

CASCAIS, 16. — Causou excelente impressão a local que A Batalha, ontem, publicou, referente a esta vila. A especulação com os preços dos géneros torna-se desenfreada, não se procurando já justificar o lucro exagerado, pois se rouba sem a menor subtilidade. A comissão administrativa do município procura combater a especulação com as suas medidas, porém, os gananciosos, principalmente no comércio do peixe, redobram de audácia, chegando a fazerem um lucro de cem por cento.

Na próxima semana será novamente elevado o preço da carne quarenta centavos por quilograma. O comerciante grato e eterno, Joaquim Borges, de acordo com os seus colegas, todos formando uma companhia de exploradores, aumenta a sua especulação, o preço da carne. Na última reunião do município houve muito ruído contra o preço da carne, tendo o «força-viva» abastido «generosamente» dois escudos por arroba. E são estes os homens de dignidade social... (C.)

Em Tavira a miséria é avassaladora

SANTA CATARINA, TAVIRA, 14. — Na verdade, não se compreende, dada a estabilidade do câmbio, como estejam a subir, duma forma assustadora, os géneros mais indispensáveis à nossa alimentação. Nesta pequena localidade é confrangido o quadro. Exceptuando o comércio, e umas duas ou três dezenas de lavradores que vivem desafogadamente, os outros habitantes vivem exclusivamente do produto do seu trabalho. Uma parte desta massa trabalhadora costuma empregar-se nos telheiros (única indústria da região que está também actualmente sofrendo uma grande crise); a outra dedica a sua actividade aos trabalhos agrícolas. Nos outros anos, quando volta-

vam das ceifas do Alentejo e Espanha, (pois é costume, para melhor equilibrarem a sua vida irem às ceifas onde ganham mais uns avultados escudos), encontravam facilmente trabalho. E este ano? Vai já para dois meses depois que regressam, que alguns não ganham um centavo. E o que será o inverno? Um horror.

Prevê-se que a fome com todo o seu cortejo trágico assentará arraiais no tugurio humilde do pobre trabalhador.

Para fugirem, porém a esta negra perspectiva, existe para os que têm ainda algum dinheirinho ou crédito um recurso: A emigração. E' assim que de semana a semana, mês a mês, reúnem-se em grupos, «os sem trabalho» lá vão procurar noutros países o que a sua pátria lhes nega — o trabalho.

Nestes últimos dias, tem sido grande a quantidade de trabalhadores que tem emigrado.

Não bastava já a enorme crise de trabalho que assola não só esta freguesia, senão toda a provincia, para cruelmente a flagellar — faltava-lhe agora o agravamento do custo da vida para completar o quadro — aí o tendes: é o azeite, o toucinho, o sabão, as batatas etc. que estão a subir com uma velocidade aterradora.

E' preciso que se providencie o mais urgente possível no sentido de pôr um dique à ganância desmedida do assambarcador sem escrúpulos, que na sua desvaivada ganância não quer ouvir o grito aflitivo de milhares de desprotegidos da sorte; é preciso que se atenda quanto antes à angustiosa situação do desgracado consumidor que se vê a braços com as maiores dificuldades para fugir ao negro espectro da fome, lamentando com tristeza que o destino o houvesse lançado a este mundo miserável, onde uma sociedade egoísta e má lhe nega o direito à vida.

Nesta freguesia uma escola por concluir que tanta falta faz a esta população e um bocado de estrada (pouco mais ou menos 1 quilómetro) entre esta aldeia e Montecarpacho também por acabar, onde se empregariam muitos braços que pedem trabalho. Porque não se atende a isto? Fazendo o satisfaria duas das maiores aspirações desta laboriosa gente, além de que resolveria de momento a crise de trabalho.

Realizou-se no passado domingo, dia 12, nesta povoação, o primeiro mercado mensal que a pedido da nova Comissão Administrativa local, foi superiormente autorizado.

NOTAS DO ESTRANGEIRO

O fascismo pretende a posse da colónia francesa de Tunísia

A atitude hostil da Itália para com a França é a consequência da política colonial italiana que tem como objectivo a Tunísia. Esta colónia é francesa por direito de posse, mas a Itália detem quasi toda a influência económica. O desmedido aumento da população da Itália, que hoje passa de um milhão sobre a totalidade francesa, determina a grande corrente emigratória.

Virtualmente, é a Itália que faz a colonização da Tunísia. Em frente de 40.000 franceses, existem nessa colónia 100.000 italianos. A burguesia italiana explora as riquezas naturais e as terras sob propriedade de italianos e trabalhadas por sicilianos.

Tunisia é um excelente ponto estratégico, tanto em face da Itália como da França. O nacionalista Marrini exprimi-se uma vez d'este modo: Tunisia é a verdadeira chave do Mediterrâneo central; unidade geológica, a Sicília teria de pertencer incontestavelmente à Itália.

A disputa da colónia francesa dista apenas 90 milhas da Sicília. Os canhões de longo calibre poderão dividir o Mediterrâneo em duas partes e reduzir o Adriático à situação do mar interior.

As forças navais das duas potências são iguais. Contudo, em caso de guerra, se a esquadra italiana se concentrar inteiramente em águas mediterrâneas e uma parte da esquadra francesa estiver no Atlântico, a supremacia ficará cabendo à Itália.

Ao mesmo tempo a França luta com uma aguda crise financeira e económica, do que resultará um grave desastre em toda a guerra em que se envolva. Todas estas circunstâncias excitam as ambições do imperialismo fascista.

MADRID, 16. — O general Primo de Rivera, entrevistado, confirmou de novo a necessidade de ceder Tanger à Espanha, a fim de reprimir as agitações e desordens, pôr termo aos desfechos internacionais e assegurar a protecção do tráfego comercial. O general desmentiu que a Espanha pense

abandonar o protectorado espanhol em Marrocos. (H.)

A campanha xenófoba dos chineses

A luta mantem-se renhida
PEKIN, 16. — O vapor francês «Danny», que navegava no Yang Tze, foi alvejado a tiro pelas tropas de Cantão. Por outro lado, sabe-se que as tropas de Ou Pei Fou, reforçadas, preparam o reconhecimento da ofensiva contra as tropas de Cantão. As forças de Ou Pei Fou ocupam fortes posições na provincia de Hupeh. (H.)

Um atentado anti-nipónico

XANGAI, 16. — Um coreano lançou uma bomba contra o consulado japonês, matando um coolie. (H.)

A Sociedade das Nações

Os lugares efêmeros

GENEVA, 16. — A assembleia da S. D. N. aprovou, depois de longa discussão, o regulamento da inclusão dos membros não permanentes no Conselho. (H.)

Preparando um insucesso

GENEVA, 16. — A comissão do desarmamento decidiu reunir a conferência geral em princípios de 1927. (H.)

De New York a Paris pelo ar

O presidente Coolidge saúda...
NEW YORK, 16. — O presidente Coolidge enviou telegraficamente as suas saudações de despedida ao aviador francês Fonck, manifestando a esperança de que a sua viagem contribua para o estreitamento dos laços entre as várias nações do mundo. (H.)

O aviador Fonck parte...

NEW YORK, 16. — A's 2,30 da madrugada, o aviador francês Fonck resolveu

MAIS ACUSAÇÕES "CALUNIOSAS" DO INQUERITO A' POLICIA

Sobre sindicâncias já temos há muito tempo a nossa opinião assente. Nunca sã uma forma de justiça mas um processo para exercer vingança ou, o que é mais vulgar, um meio de assegurar impunidade. Quasi sempre a sindicância exerce sobre o sindicado o mesmo efeito que a benzina sobre os fatos: limpa-o de todas as manchas e lava-o de todas as nódoas.

A sindicância consegue fazer do maior prevaricador o catão mais completo, o inocente mais absoluto. A sindicância vem escândalo vem sempre a transformar-se num escândalo muito maior, muito mais grave e muito mais imoral.

Deixemos, porém, de remissa estas considerações que nós poderíamos facilmente alongar até ao infinito e voltemos à estupefaciente sindicância à policia e prossigamos respigando as acusações que nela foram formuladas contra vários funcionários policiaes — acusações caluniosas já se vê!

Começemos por esta calúnia erguida cavilosamente contra o agente Júlio Marques de Sousa:

Encontrando um indivíduo de nome António Dias, acompanhado de mais dois, levando um saco, como se lhe tornasse suspeito, ele e o guarda Ferreira inquiriram o que levavam no saco, apurando serem 178 tesouras furtadas no pórto de Lisboa, sendo então aqueles intimados a acompanharem estes à esquadra da Mouraria, onde as tesouras foram contadas, verificando-se serem 176 ou 178. Saídos da esquadra, levando estes últimos as tesouras no saco já referido e em outro que o António Dias levava na aligeira, ao chegarem à Praça da Figueira, foram mandados embora, sendo as tesouras divididas pelos dois, que delas se apropriaram, restituindo-as mais tarde e depois de instaurado processo disciplinar, mas somente no número de vinte e seis cada um, chegando o guarda Ferreira a vendê-las a 2\$50, indo depois pedil-las ao comprador que lhes restituiu sem exigir dinheiro.

Passamos a referir as acusações formuladas contra o agente António Teixeira: Dr. Alfredo Teixeira de Azevedo, ordem a que não devia obedecer, apreendendo um automóvel na Metalúrgica e prendendo José Augusto da Cruz e João Maria Ferreira, sócios da fábrica.

Ter apanhado, de colaboração com o agente António Pereira, 150\$000 ao ferrovelho Gregório José Lourenço; depois de uma busca e da apreensão de sacata, uma porção de lenha e uma porção de carvão; e de haver ameaçado este Gregório de prender, chegando o agente António Pereira a dar-lhe ordem de prisão, da qual desistiu, bem como da apreensão, logo que o referido ferrovelho se prontificou a gratificar, se combinou a gratificação e esta foi recebida pelos dois agentes.

O agente Amado tem a sua «inocência» agravada e ofendida por esta concretas afirmações: Em um furto de vários objectos de ouro, haver pedido ao receptor, como parte que lhe devia tocar, um cordão de ouro.

Haver por ordem do chefe José Francisco Xavier, ordem a que não devia obediência por ser ilegal, falar ao agente Ferreira da Silva, prometendo-lhe 200\$00, para ele conduzir uma investigação da casa de jogo da rua do Socorro, pertencente a um tal José Bode, por forma a que os arguidos fôsem postos em liberdade.

Em virtude de uma queixa foi com os agentes Rosa e Moraes procurar os vigaristas que encontraram, não os detendo em consequência de haverem recebido deles 50\$00 cada um.

Haver tentado, de colaboração com o guarda 810 Artur Martins, apañar a António Crisostomo Braz e Silva a quantia de 1.000\$00 sob a promessa de o pôrem imediatamente em liberdade.

Amanhã, se os leitores se não enjoam, voltaremos a referir a inocência de alguns agentes...

Novo quartel de bombeiros

Tendo sido recentemente rescindido o contrato de arrendamento do edificio onde se achava instalado o quartel n.º 9, na estrada de Marvila, foi deliberado, por proposta do vogal sr. Mardel Ferreira que seja contratado o arrendamento pela quantia de 1.260\$00 mensais da propriedade do sr. Ernesto de Almeida, na rua Capitão Leitão, n.º 60, e tomada imediata posse pela importância de 12.500\$00, a fim de ali ser instalado o referido quartel.

partir, às 5,30, para a sua viagem New York-Paris. (H.)

E desiste subitamente

NOVA YORK, 16. — O aviador Fonck, por motivos ainda não conhecidos, resolveu adiar a partida para o «raid» Nova York-Paris.

Os mistérios do mar

Um navio desaparecido

NOVA YORK, 16. — Há uma certa inquietação sobre a tripulação, composta de 35 homens, do vapor inglês «Loyleit», cujo naufrágio na costa da Bermuda se anunciou ontem. O navio cisterna holandês «Denhaag», que ontem largou, em resposta aos pedidos de socorro, apenas encontrou uma pequena canoa voltada temendo-se que tenha acontecido o mesmo a todas as outras de que dispunha o navio naufragado. (H.)

Os Mistérios do Povo

ASSINEM

UMA DESUMANIDADE

Os presos por questões sociais estão sujeitos a um rigor especial

Recebemos a seguinte carta que passamos a reproduzir:

Camarada redactor — O que ultimamente se tem passado com os presos sociais, dária assuntos para longas crónicas, se não vivéssemos em regime de censura.

Os presos sociais, vêm há muito, vivendo no cárcere um regime de excepção que nada justifica, visto que só agora são considerados «perigosos», porquanto outras vezes têm tido direitos iguais aos outros presos, sem que de tal tenha resultado os «terríveis cataclismos» que a mentalidade dos mantenedores da ordem agora antevê a tão grande distância. E a excepção aos presos sociais tem atingido até os próprios doentes que necessitam tratamento urgente devido ao seu precário estado de saúde. Um preso social, por grave que seja o seu estado, encontra inúmeras dificuldades para ser tratado convenientemente, porque, segundo a resposta dos médicos e do director das cadeias, nós estamos numa «situação especial».

E por isso eu, que me encontro atacado duma grave enfermidade constatada pelos próprios médicos, requeri já há tempo para ser submetido a uma junta médica que atestasse o meu estado, a fim de me tratar como a doença requer.

Pois a pesar de ter solicitado insistentemente a informação do médico desta enfermagem, para tal fim, ele tem-me respondido que só tal fará depois de a minha espectoração ter sido submetida a uma análise, o que ainda se não fez porque tendo sido requisitados os respectivos tubos há mais de um mês, ainda não apareceram.

E eu, como qualquer doente no meu estado, e em minha situação, tenho de sofrer eternamente o desejo de uns e o capricho de outros, e fere, como o António José de Almeida, que foi há pouco transferido para a enfermaria da Penitenciária, de chegar ao último estado como ele chegou.

O meu estado grave não oferece dúvidas. E contudo não pretendo já que me mandem para um hospital como seria lógico e humano, mas tão somente que me dêem as providências que legalmente requirem, e que me mandem para a enfermaria da Penitenciária, onde os doentes têm ao menos uma dieta suficiente para o alimentar, em harmonia com as exigências do seu tratamento, e um pouco mais de cuidado pelo seu estado, não se dando de certo, tão frequentemente como nas Cadeias Civis, a falta de medicamentos.

E também, na Penitenciária, não haverá um director que ouse duvidar da sinceridade dos atestados clínicos, duvidando também do estado dos doentes, mettendo-se em atribuições dos médicos, como já aqui tem sucedido com o director deste forte.

Parece-me que o sr. ministro da Justiça nada prestigia a lei e as instituições, com injustificáveis dificuldades criadas aos presos doentes que têm sobre si uma fantástica acusação. Ao menos que se respeitem os mais rudimentares preceitos de humanidade. — José Abranches Castanheira, preso social na enfermaria do Forte de Monsanto.

Um livro interessante
Acaba de ser posto à venda
uma bela obra de
RICARDO MELLA,
«**IDEÁRIO**»
que consta dum volume
de 336 páginas dividido
nos seguintes capítulos:
Doctrina — Crítica Social — Educação —
Libertaria — Tática — Evolução —
Revolução — Violência — Libertad —
Autoridade — Ensino — Filosofia —
Terroir — Ideias Iconoclastas — Moral —
Temas sociológicos — Pedagogia —
Vida Espiritual — Homens Representa-
tivos — Trabalhos Políticos — Lec-
turas — Fragmento Inédito.
Preço 15\$00 — Pelo correio 16\$50
Pedidos à Administração de
«A BATALHA»

Prevenção aos composi- tores tipográficos

A direcção da Associação dos Compositores Tipográficos previne todos os componentes conscientes da sua classe, de que não devem aceitar trabalho no «Correio da Manhã» enquanto o conflito ali existente não for solucionado.

Um brasileiro desnaturalizado pelo próprio cônsul

Sentindo-se exausto de recursos, o brasileiro Amaro José Marques Pereira acheu-se à protecção do seu cônsul para obter o repatriamento. O cônsul exigiu-lhe a certidão de nascimento para que a sua identidade ficasse idoneamente reconhecida. O Amaro não teve possibilidade de obter a certidão e, abandonado pelo seu cônsul, deixou-se a pedir esmola.

Duas vezes foi preso, e numa dessas vezes cego, ficando assim diminuídas as suas faculdades de angariar subsistência. Em meio da sua acidentada vida, uma família brasileira conseguiu obter do Rio de Janeiro a certidão exigida.

O infeliz Amaro apressou-se até ao cônsul do seu país e apresentou o documento atestando o regresso à sua terra. Porém, o cônsul não quis aceitar a certidão, invocando uma desnecessária formalidade burocrática e, para que o infeliz se não queixasse de dificuldades, deu-lhe vinte e cinco tostões, quantia esta que toda a gente sabe não ser suficiente para as passagens...

Luís Pereira
A direcção do Sindicato dos Pintores de Construção Naval e Anexos participa a todos os camaradas e amigos, que o queiram visitar, que Luís Pereira se encontra enfermo no hospital de São José, enfermagem de São Sebastião, cama n.º 21.

Um caso revoltante

Num hospital do Porto foi recusada o internamento de um operário atacado de tétano

Os jornais do Porto referiram-se há dias a um caso ocorrido no hospital de Joaquim Urbano que revela uma grande desumanidade.

Destaca-se nas suas referências o *Jornal de Notícias*, dando à estampa uma carta do distinto clínico daquela cidade dr. Camilo de Figueiredo.

Por serem muito graves as acusações daquele médico vamos transcrever parte da sua missiva:

«Fui chamado hoje cerca das 7 da tarde para tratar um doente atacado de tétano, um operário pedreiro andrajoso que à custa dos seus miserios honorários vai arrastando a existência.

Como vi que era necessário e absolutamente urgente a administração de soro anti-tetânico e em virtude de existir um Hospital de Joaquim Urbano exclusivamente destinado ao internamento e tratamento de molestias cujo carácter seja infeccioso, telefonei para a esquadra de Campanhã, Bombeiros Voluntários e Voluntários Portugueses, procurando, de balde, conseguir um meio de transporte, pois que o estado do doente não lhe permitia fazer o trajecto da Farmácia Rebelo, onde se encontrava, até ao hospital Joaquim Urbano.

Convém ilucidá-lo de que fui informado que o Hospital da Misericórdia não recebia doentes desta natureza.

Frete portanto, sob a minha responsabilidade, um automóvel que o conduziu até lá, e, a pesar da minha insistência junto do sr. director desse hospital, não consegui que o doente fosse internado visto exigirem que um simples operário sem recursos de espécie alguma, que dorme num palheiro e que por consequência está absolutamente desprovido dos cuidados que a sua doença requer, fosse internado num quarto particular.

Isto quasi se julga inacreditável pela soma de desumana indiferença que representa, pela ausência absoluta de sentimentos de mutualidade que define.

Nestas circunstâncias mandei comprar quatro ampolas de soro anti-tetânico porque me repugnava a ideia de contribuir para a morte de um desventurado não fazendo todos os sacrificios em seu favor.

Fiz-lhe as injeções sem saber se, pelo menos, seria indemnizado das quantias dispendidas.

Lamento atitudes de verdadeira negligência em face de casos semelhantes e a falta de recursos hospitalares na segunda cidade do país.

Na verdade semelhante negligência é revoltante. Se não houvesse da parte do dr. Camilo de Figueiredo aquela atenção necessária, o pobre operário a esta hora seria já cadáver porque lhe faltara a assistência médica.

E lembarmo-nos que se passam destes casos em pleno século XXI!

Uma desditosa mulher vítima da fúria ancestral de um agente de polícia

Augusta de Almeida é uma senhora já muito idosa, quasi inválida, ainda que vivendo dificilmente do seu trabalho. Na casa em que se encontra hospedada, uma criada apoderou-se indevidamente de uma pequena caixa vidrada contendo algumas joias de valor. A pobre senhora, vendo-se despojada da sua modesta fortuna, julgou que o melhor recurso era interessar a policia na sua desgraça.

Fez queixa, que não seguiu os seus tramites porque o dono da casa, temendo escândalo de vulto, usou da sua influencia no governo civil para abafar o caso.

A desditosa Augusta de Almeida queria naturalmente reaver as suas joias. Dirigiu-se anteontem ao governo civil e procurou o agente que devia investigar, e cujo nome ignora. Ao pedido de informações retrucou o agente bruscamente, recusando-se, por fim, a esclarecer a pobre senhora.

Augusta de Almeida protestou contra o que entendia por venalidade e o agente respondeu com baixos insultos, em pleno pátio do governo civil, derubando-a depois. Estendida a velhota, o agente atirou-se a ela, arrastando-a violentamente e agredindo-a com tais requintes de ferocidade que ela soltou gritos lancinantes, obrigando a intervenção de outros agentes da investigação.

Não reflete da sua fúria de primitivo, o agente quis prender a velhota. Esta, contudo, levada ao exaspero, mostrou aos assistentes os seus braços e as suas pernas quasi cobertas de equimoses, clamando que tinha fortes dores no corpo e que queria participar contra o agressor.

D. Augusta de Almeida não chegou a ser presa e o agente não teve a participação; contudo, a desditosa senhora não viu mais as suas joias.

Ausência de cadáveres

A Câmara Municipal resolveu que para as obras de conservação dos jazigos seja criado um fundo especial chamado «Fundo de conservação de jazigos abandonados», por uma taxa suplementar de 5%, lançada sobre todas as taxas relativas a jazigos. Resolveu também que em cada cemitério haja um registo de jazigos considerados abandonados, figurando nesse registo a sua época de construção, nome do primitivo e sucessivos proprietários, número de ordem, indicações dos cadáveres nêles entrados, etc. e terá uma casa onde será nomeada a importância feita pela Câmara com a sua conservação e designação S. M. L. inscrita nêles será substituída por um número a tinta de óleo, número este que figurará no respectivo registo.

TEATRO SALAO FOZ
Matinée às 3 h. — Soirée às 9,15 h.
ESTREIA da grande notabilidade
RODRIG
O homem que brinca com a electricidade
FABIOLA
Serena compositista-ballerina
DIAMARA
Interpret. e directoria camponestista
Repetição — DEBUTS DO DR. FRANKLIN, 8 p.
PREÇOS ULTRA POPULARES
Superior, 200; Platão, 100; Balcão, 50;
Camarotes, 130; Frisas, 1000;
Cadeiras, 100 e 400.

A BATALHA

LEDE NO NOSSO FOLHETIM

A Revolução Francesa

Uma obra admirável que todos devem ler

E' aquele o título do novo livro que *A Batalha* está publicando em folhetins da colecção «Mistérios do Povo», por Eugene Sue.

Trata-se do último livro daquela soberba colecção, o que tem maior intensidade de acontecimentos, onde a alma popular preenhe de aspirações de justiça mais se evidencia e mais nos fala dos grandes acontecimentos renovadores que Eugene Sue soube, com a sua pena brilhante, roman-
tizar.

Os nossos leitores que não tenham acompanhado os livros anteriores podem, sem prejuizo da obra, iniciar a leitura, visto que cada volume trata duma época histórica e constitui uma obra completa.

A pena inspirada de Eugene Sue soube encontrar nesse belo e dramático acontecimento todas as suas fases emotivas e embelezar todas as grandes scenas desenroladas em torno dum rei que encarnava a tirania e dum povo que se bateu com energia, com audácia, com sublime e abnegado heroísmo pela liberdade e pela morte de grandes e iníquos preconceitos que ficaram para sempre aniquilados.

Na obra de Sue o povo atinge as alturas máximas da revolta e da justiça. Todos têm o dever de ler esta obra admirável.

Deflagração dos génios

Amigo que fica ignorado
No Banco do Hospital de São José, foram pensados e recolhidos depois a casa, José Rosado, 28 anos, natural de Braga, serralleiro, rua Danasceno Monteiro, 8, rés-do-chão, o qual quando seguia num eléctrico, foi, na Graça, atingido com uma pedra que foi arremessada para o carro, ficando ferido na cabeça. Ignora quem fosse o agressor.

Três facadas à colecção
A enfermaria de Santo Onofre do Hospital de São José, recolheu ontem Joaquim António, de 40 anos, jornalista, natural e residente em Linda-a-Pastora e que, há dias, numa desordem foi ali agredido com três facadas, uma que o atingiu no rosto e duas no torax.

As mas companhias
No Banco do Hospital de São José recebeu curativo Fortunato Alves, de 28 anos, ferreiro, rua Cruzeiro à Ajuda, 17, porta 3, que, na oficina de ferro da Companhia União Fabril, em Alcátara, foi agredido por um companheiro de trabalho ficando ferido no rosto.

Um que apanhou para o tabaco
No Banco do Hospital de São José recebeu curativo Custódio Rodrigues Bexiga, de 32 anos, natural de Alcácer do Sal, marítimo, que, na doca do Jardim do Tabaco, foi agredido com uma facada no rosto.

Uma paulada na cabeça
No posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço, foi pensado e recolhido a casa João Formoso, de 17 anos, aprendiz de serralleiro, residente nas Seteiras, Olivais, e que ali foi agredido com uma paulada na cabeça.

Pasteleiro cortado à tesoura
Recebeu curativo no posto da Cruz Vermelha, do Terreiro do Paço, João Tinoco, de 24 anos, pasteleiro, natural de Braga, rua Vasco da Gama, 19, que ali foi agredido por um companheiro de trabalho, o qual, com uma tesoura, lhe fez um ferimento no ventre.

As horas más

De uma fígureira abaixo
A enfermaria de Santo Onofre do Hospital de São José, recolheu José Jaime dos Santos, de 15 anos, natural e residente em Arneiro, freguesia de Adegavinha, concebe de Alenquer e que caiu ali de uma fígureira, ficando muito ferido na cabeça.

Queimada com água fervente
No Posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço, foi pensado e recolhido a casa Maria Luísa, de 60 anos, natural de Cezimbra e que, na residência, Calçada do Caldas, 131, ficou muito queimada nas pernas com água fervente.

Chapeu desaparecido
Pede-nos Alberto Monteiro para que o camarada que ontem da Câmara Sincal levou um chapeu — certamente por engano — a fmeza de o entregar nesta redacção.

OS QUE MORREM

João Pereira
No Instituto de Medicina-Legal realizou-se ontem a autópsia ao cadáver de João Pereira, aquele correio que, há dias, foi vítima de um desastre com arma de fogo no estabelecimento do armeiro Silva, na rua da Betesga. O seu funeral realizou-se ontem mesmo, saindo daquele Instituto pelas 4 horas da tarde para o cemitério oriental.

As águas de Lisboa

A comissão administrativa do município vai dar o seu concurso à comissão encarregada de estudar eternamente o problema das águas.
Na praça Marquês de Pombal está funcionando uma bomba eléctrica que extrai dum poço água para regas e na rua da Prata também se está montando um motor para aproveitamento da água do subsolo, que é um verdadeiro manancial. No que respeita ao Poço do Borratão vão ser feitas transformações nas lojas onde é este situado e que eram pertença da Câmara, tendo o dono do respectivo prédio dado todas as facilidades à Câmara.

«A Batalha» na provincia e arredores

Portimão

A situação dos trabalhadores marítimos

PORTIMÃO, 14. — Foi satisfatório o dia de hoje para as classes piscatórias e conservadoras, desta localidade, mas muito especialmente para a sociedade do cerco o «Galinho», porque as sardinhas foram pescadas por algumas centenas de milhares, contribuindo a sua visita para que fosse saldada a dívida que sobre eles pesava, podendo esta sociedade, de futuro conquistar melhores dias, se a abundancia continuarem. Há longos meses que esta pobre gente vem sofrendo privações nos seus lares e só pelo esforço colectivo e bom entendimento que entre eles tem existido — aparte umas pequenas desinteligências — conseguiram ver-se livres do maldito capital, que tem vindo sempre vigiando de perto uma provável derrocada desta pobre gente, que uma grande falta de sardinha originaria então ver ir todos os seus esforços para já mãos daqueles que, depois de arrecadarem juros elevadíssimos, seriam os primeiros a metralhar, para que lhes fossem pagos os seus capitais. Mas, a pesar de haver alguém que alumiava Santo António, para que o «Galinho» só apanhasse ratos, têm este tido mais sorte de que aquele outro cerco, que a horas matutinas foi benido pela reacção malfélica «Cavala», criatura que desde há muito vem insinuando no espirito dos pescadores desta localidade que a falta de peixe é originada pela falta de benzeduras dos barcos e redes. Mas, sem ligarem importância a estas patranhas, inventadas por cérebros obtusos, os pescadores do «Galinho» estão contentes por se verem, se não emancipados de todos, ao menos da tutela de qualquer Fialho malévolo e interesseiro, que tem vindo comendo a maior das lambanças, como seja fazer deslocar alguns operários seus, das terras onde se encontravam mandando ou consentindo que os chamassem ao seu serviço e depois de 18 dias de pesca, como o cerco onde estes infelizes empregavam a sua actividade não apanhasse peixe que satisfizesse a sua ambição desmedida, despediu-os.

Tudo isto faz camaradas marítimos o entregarem-se sem condições de trabalho, pois ao que nos consta, nem vos matricularam. Se assim é a responsabilidade não é sómente do armador, mas também de quem de direito tem o dever de não permitir que qualquer indivíduo embarque sem ser matriculado. Pois a lei assim o exige para segurança dos deveres e direitos dos marítimos de Portugal.

Ereis vós, camaradas marítimos, que não deveis consentir que a lei se desrespeitasse. Neste sentido, unindo-vos sindicalmente para vos defenderdes das arremetidas injustas de qualquer Fialho.

Alcobaça

A Escola Agrícola Feminina Vieira Natividade e o 2.º Congresso Pomológico

ALCOBAÇA, 14. — Já a grande imprensa (com o jornal de Nemo à frente) se ocupou largamente do 2.º Congresso Pomológico Português, em Alcobaça, fazendo-lhe os mais rasgados enóquios.

Digamos agora nós o que esse Congresso foi e justificamos as palavras que encimam esta local.

Foram presentes cinco teses das quais só uma teve discussão digna de nota, sendo afinal tudo aprovado e não reaindo sobre as mais importantes, a bem dizer, nenhuma discussão. E isso seria deveras interessante para que desse ensejo a que os seus relatores se desenvolvessem, como certamente poderiam fazê-lo, vista a sua inquestionável competência e os conhecimentos especiais que foram obrigados a adquirir no decurso dos seus estudos preparatórios para a elaboração dos seus magníficos trabalhos.

Tudo o mais resumiu-se aos elogios à professora técnica da Escola de Alcobaça, D. Maria Amadora Ribeiro, a pretexto de uma comunicação, que não apareceu a explicar, e que, sem discussão, foi posta nos coorcoros da lua, para o que já todos pareciam vir de peito feito, sendo certo que, segundo ouvimos, essa comunicação, versando a organização do ensino agrícola feminino, é um acervo das mais reaccionárias doutrinas na matéria.

Nem outra coisa era de esperar duma senhora que, indo a custas da República Portuguesa, estado laico, à França, Bélgica, Holanda e não sabemos se mais a alguma parte, estudar o ensino agrícola feminino, daquela «sua grande viagem» como diz com modos desdenhosos e depreciativos do Estado que a subsidiou a larga, nada mais trouxe, que se visse, do que bilhetes postais ilustrados de escolas onde o ensino é ministrado por irmãs de caridade ou como tais trajadas e onde as alunas são cuidadosamente instruídas nas práticas católicas.

E eis aqui a razão por que o 2.º Congresso Pomológico pouco mais se fez do que preparar o seu advento à direcção da Escola, de que é professora técnica e onde a sua competência se tem mostrado não ensinando às alunas, em dois anos lectivos, mais do que a fazer manteiga e queijo e isto mal, pois só ensinou a fazer duas variedades de queijo de que ninguém soube o resultado porque de que tudo destinado ao consumo da Escola e das pessoas a quem, sem dar disso contas a ninguém, se permitiu distribuí-lo.

E nada mais fez que se saiba a não se levar em linha de conta os maus tratos e doentes incógnos a algumas alunas que não podiam, pela sua pobreza, dar presentes de galinhas e doces e que pela educação recebida nas famílias não se prestavam às práticas religiosas que ela própria com tanto cuidado cultivava.

E é esta dama que o Congresso Pomológico tanto se esforça por erguer até ao lugar de directora da Escola organizada com tanto cuidado e amor pelo antigo engenheiro-agrônomo sr. José Joaquim dos Santos, distinto profissional, cumulado de, há mais de trinta anos, de louvores pelos serviços prestados nas várias e importantes comissões de serviço público de que tem sido encarregado.

Procurar-se para isto pôr em prática uma manigância que poremos a descoberto se for por diante o indigno intento. — E.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Inabilidade dos Fragateiros. — Refre-se hoje, pelas 20 horas, a assembleia geral, a fim de se deliberar acerca do subsídio a sócios na inabilidade.
Caixa de Solidariedade dos Vendedores de Jornais. — Refre-se hoje, pelas 17 horas, a direcção, o conselho fiscal e a comissão de festas, para assunto importantíssimo.

A MORAL BURGUESA

Filantropia espectacular nas Cozinhas Económicas

Para comemoração do nascimento da duquesa de Palmela, fundadora das Cozinhas Económicas, promoveu-se um jantar a pessoas de escassos recursos. A *Batalha* recebeu algumas senhas para distribuir por recomendados seus, tendo sido publicado oportunamente o devido noticiário.

As senhas ficaram depositadas na administração, mas não foram distribuídas por diversas circunstâncias e por ter sido praxe, muito tempo, que as senhas fossem reconhecidas em qualquer ensejo. Assim, fez *A Batalha*, casualmente, a distribuição das senhas alguns dias depois; mas as pessoas que com elas foram apresentar-se nas Cozinhas Económicas, sofreram o vexame de não lhes serem consideradas as senhas.

Este facto magou-nos pela sua injustiça, pois se houvessemos reparado que o budo era um espectáculo participante da tal comemoração natalícia, não teríamos sujeito diversas pessoas a uma vergonha, porque não distribuíramos as senhas.

Talvez os promotores da festa anual das Cozinhas Económicas não tenham notado no vexame que consiste na dívida dum budo nas condições que têm sido impostas.

Caminhos de Ferro do Estado

Serviço de Armazens Gerais

Concurso para adjudicação da compra de encerrados

ANUNCIO

Pelo presente anúncio se faz público que no dia 16 do próximo mês de Outubro, pelas 13 horas, na sede da Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, rua de São Mamede, 63, Lisboa, se há de proceder a concurso público para a adjudicação da compra de 50 encerrados.

Para ser admitido à licitação deverá o concorrente mostrar que efectuem em qualquer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até às 13 horas do último dia útil anterior ao do concurso, o depósito de 1.250\$00.

O concorrente a quem for feita a adjudicação terá de reforçar o seu depósito provisório no prazo de oito dias contados da data em que a mesma lhe for notificada, com a quantia necessária para prefazer 5% da importância total da mesma adjudicação constituindo, assim, um depósito definitivo que por intermédio da Direcção do Sul e Sueste, será transferido para a Caixa Geral dos Depósitos onde ficará à ordem da mesma Direcção.

Este reforço terá de efectuar-se na mesma Tesouraria em que tiver sido realizado o depósito provisório, devendo na ocasião ser entregue uma folha de papel selado não utilizada.

As propostas serão feitas nos modelos especiais que o Caminho de Ferro fornecerá e só essas poderão ser tomadas em consideração.

O programa do concurso e o respectivo caderno de encargos acham-se patentes no Serviço de Armazens Gerais, Calçada do Correio Velho, 17, 1.º, Lisboa, e na Direcção do Minho e Douro, Porto, onde podem ser examinados em todos os dias úteis, das 11 às 16 horas.

Lisboa, 7 de Setembro de 1926. — O Engenheiro Chefe do Serviço de Armazens Gerais, Feio Terezas.

Concurso para adjudicação da compra de lâmpadas eléctricas

ANUNCIO

Pelo presente anúncio se faz público que no dia 18 do próximo mês de Outubro, pelas 13 horas, na sede da Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, rua de S. Mamede, n.º 63, Lisboa, se há de proceder a concurso público para a adjudicação da compra de 3.379 lâmpadas eléctricas de diversos tipos.

Para ser admitido à licitação deverá o concorrente mostrar que efectuem em qualquer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até às 13 horas do último dia útil anterior ao do concurso, o depósito de 500\$00.

O concorrente a quem for feita a adjudicação terá de reforçar o seu depósito provisório no prazo de oito dias contados da data em que a mesma lhe for notificada, com a quantia necessária para prefazer 5% da importância total da mesma adjudicação constituindo, assim, um depósito definitivo que por intermédio da Direcção do Sul e Sueste, será transferido para a Caixa Geral dos Depósitos onde ficará à ordem da mesma Direcção.

Este reforço terá de efectuar-se na mesma Tesouraria em que tiver sido realizado o depósito provisório, devendo na ocasião ser entregue uma folha de papel selado não utilizada.

As propostas serão feitas nos modelos especiais que o Caminho de Ferro fornecerá e só essas poderão ser tomadas em consideração.

O programa do concurso e o respectivo caderno de encargos acham-se patentes no Serviço de Armazens Gerais, Calçada do Correio Velho, 17, 1.º, Lisboa, e na Direcção do Minho e Douro, Porto, onde podem ser examinados em todos os dias úteis, das 11 às 16 horas.

Lisboa, 9 de Setembro de 1926. — O Engenheiro Chefe do Serviço de Armazens Gerais, (a) Feio Terezas.

TEATRO NACIONAL
TELEPHONE N. 3049
1103E-Ns 2145
FESTA ARTISTICA
— DE —
ILDA STICHINI
com a 1.ª representação
da peça espanhola de Martinez
Sierra, tradução de Victoriano
Braga
PARA FAZER-SE AMAR
LOUCAMENTE...
NOS PRINCIPAIS PAPEIS
A FESTEJADA,
Alexandre de Azevedo
e Raúl de Carvalho
Estreia encenação de
ALEXANDRE DE AZEVEDO

A BATALHA

E' preciso secundar o movimento de protesto iniciado no Porto contra a carestia da vida



O caos em que se encontram os Caminhos de Ferro de Lourenço Marques descrito por um jornal daquela cidade

O jornal do Comércio de Lourenço Marques, gazeta insuspeita, publicou um artigo que é a confirmação plena da campanha que A Batalha sustenta há meses, o qual nos permitimos transcrever:

«Quem se tire dos seus cuidados e siga o caminho da nossa bela ponte-cais, para apreciar o seu movimento e compará-lo a outras épocas, vem de lá desolado e completamente desiludido e tem, por força, embora não queira, de lamentar a inércia de uma ruínea administração, actualmente bem visível. O movimento do porto está quasi paralisado».

A prolongação da greve ferroviária, sem cuidar dos interesses vitais da colónia e muito principalmente do nosso lindo porto, está agora surtindo todos os seus perniciosos efeitos constatados pela falta de navegação, cujos barcos vão despejando os seus porões repletos de carga nos portos da União, carga essa que em trânsito se destinava ao nosso porto!

A agravar a precária situação do Porto e, por consequência, as receitas dos C. F. L. M., faz-se sentir a carestia de material circulante que, por essas linhas das estações de Lourenço Marques, abunda em quantidade considerável esperando pela vez para receber a conveniente reparação, por estar avariado, vez que não chega, porque o pessoal operário existente é insuficiente para concertar o material que dia a dia se vai avariando.

Como a avariação da ruínea administração dos C. F. L. M. e, portanto, a propagação do nosso descrédito, é já do conhecimento público que o vapor «City of Batavia», depois de muitos dias de espera no estuário para conseguir atulhar os seus porões de carvão, teve de retirar como entrou, sem o precioso combustível, como já antes sucedera ao «Monarch» e depois ao «Perla», conseguindo este apenas meter carvão nas «bunkers» para se alimentar até ao primeiro porto estrangeiro.

Perdeu-se, por consequência, um tráfego de cerca de 20.000 toneladas de carvão que deveria ter embarcado nesses navios, mas ganhou-se em má fama, sem que vejamos tomar-se a responsabilidade a quem ela toca.

A inepta ordem para com vagões de ferro portugueses transitarem apenas até Witbank destinados ao tráfego de carvão entre Lourenço Marques e aquela região mineira, dá como resultado seguirem sempre os vagões vazios, por não haver tráfego de mercadorias suficiente para as estações intermediárias daquele trajecto, causando serios prejuízos às receitas dos C. F. L. M. por ser notório, a falta de aproveitamento do material, resentimento por não poderem ser aplicados ao tráfego de mercadorias destinadas além de Witbank, evidentemente por não os haver disponíveis. Por seu lado a administração dos S. A. R. por realmente ter carestia de material ou ainda porque não possa para atender à sua grande rede não manda o necessário para que a nossa administração mantenha o movimento normal do tráfego de carvão, como anteriormente à desastrosa greve de 1925-1926.

A verdade é que estacionam nas linhas das estações de Lourenço Marques mais de 600 vagões avariados, os quais não podem ser reparados, como acima dissemos, por absoluta falta de pessoal, conquanto ainda, por teimosia, se recusa a admissão no serviço de muitos operários que por aí andam sem emprego, quando a sua actividade seria utilíssima nas oficinas dos C. F. L. M.

Estes caos resultante da excessiva diminuição de vagões é agravado com o súbito das locomotivas. De cerca de 45 máquinas que os C. F. L. M. devem contar no seu inventário, apenas 8 estão em estado de utilização para rebocar comboios. Essas máquinas têm os n.ºs 200-201-403-404-22-24 e 38.

Para os comboios-carreiros são aproveitadas as n.ºs 302 e 304 consideradas, por muito favor, em estado regular. A «Malet» n.º 101, saída há pouco da reparação, lá vai cumprindo o serviço, mas com inaudito esforço; a 35, a pesar de reputada em mau estado, continua rebocar comboios, até um dia ficar encravada na linha e com risco do pessoal que a tripula. A 205, que pertencia a série de bom material, foi destinada às manobras em Ressano Garcia por se ter inutilizado para o serviço de comboios. As n.ºs 6-10-14-25-26-28-36 e 37 foram desviadas para os serviços de manobras, por já não darem coisa alguma em grandes trajectos.

As máquinas n.ºs 29-34-203-204-206-207-301-305 e 402, como vítimas inocentes da greve, estafadas e queimadas pelo pessoal que delas tomou posse durante essa ocasião, esperam em «bicha» nas linhas do Depósito de Máquinas, e as restantes nas oficinas, a su vez para receberem reparação!

Em presença deste estado caótico que desacredita sobremaneira o nosso porto, atenuando a navegação, só por si seria razão bastante para demitir o principal responsável; mas ainda se pretende invocar como pretexto o tam decantado prestígio de autoridade para conservar à frente da administração dos C. F. L. M. quem já deu demasiadas provas de inabilidade, pelo que seria de imensa utilidade para a colónia deixá-lo, quanto antes, seguir o caminho de Lisboa para não mais voltar, a fim de não arrazar o resto que ainda existe.

Não pode ser indignamente protestado contra tal estado de coisas. Basta de ludibrio ao público, como proficientemente o demonstrou o sr. comandante Augusto Cardoso no seu magistral e sensato artigo em «A Província de Moçambique», a propósito das aporreadas economias da direcção dos C. F. L. M. O governo tem de exigir responsabilidades.

Aos escândalos do Conselho de Câmbios vamos amarrar a administração dos C. F. L. M.

Afiançámo-nos que as linhas de Xinavane e Marracuene estão em estado deplorável; o material circulante desta última linha é simplesmente indecente e impróprio para a cidade.

O recente orçamento feito com intuições de lançar poeira nos olhos do governo, porque ao público já não engana, é uma ficção. De onde sai o dinheiro para pagar

todos os prejuízos anteriores? De onde sai o dinheiro para reparar o material avariado? Onde está a estimativa do valor das reparações dos vagões e locomotivas para se poder elaborar o orçamento dos C. F. L. M. sem mentiras nem subterfúgios?

O principal responsável de todos os erros deve partir proximamente para a Europa a gozar um prémio que o governo nefasto do sr. Vitor Hugo de Azevedo Coutinho lhe concedeu, não por relevantes serviços prestados à colónia, mas por ter contribuído para a conservação por mais alguns meses desse mesmo governo já moribundo, prémio imoral e excessivamente injusto, porque não podemos reconhecer direito a essas recompensas quem levou mais de 4 meses a solucionar uma greve que nos custou milhares de libras e dezenas de vítimas, greve que em 20 dias seria terminada se tivesse havido bom senso e mais respeito pelo crédito e haveres da Província!

Sua ex.ª vai partir. O caos fica minando uma das nossas primeiras fontes de receita. E' a herança que deixa ao seu substituto.

Não vamos apelar para uma sindicância aos seus actos; aquela que ainda vegeta lá pelos C. F. L. M. é suficiente para nos provar a sua inutilidade, se disso não estivermos convencidos há muito tempo; mas dirigimo-nos ao novo director para lhe dizer que interina ou definitiva que seja a sua nomeação deve imediatamente a posse promover um rigoroso e metódico balanço ao estado do material circulante e fixo, indagando também minuciosamente das causas prováveis da falta de navegação e de carvão, para que mais tarde não se desculpem dos seus erros com a nova administração, pois o reverso da medalha há de ver-se um dia, o qual não vem longe.

Rendimentos dos operários

Jornaleiro atingido por uma marreta

No banco do hospital de São José, recebeu curativo e seguiu para casa, João Guimarães, de 31 anos, natural de Lisboa, jornaleiro, residente na rua da Bela Vista, 26, loja, o qual, quando ontem, com outros trabalhadores, procedia à abertura de pedra para a muralha em construção no caes da Exploração do Porto de Lisboa, uma das marretas de que se serviam desencravou-se indo atingir o Guimarães, que ficou com várias contusões no ventre.

Servente do balcão de uma barreira

No banco do hospital de São José, foi pensado António Martins, de 23 anos, natural de Lisboa, servente, rua do Arco a São Mamede, 23, que quando procedia a um desaterramento para abrir uns caboucos para uma obra em construção na rua Joaquim Bonifácio, desabou parte de uma barreira, que colheu o Martins que ficou com várias contusões pelo corpo.

Aprendiz colido por uma engrenagem

No posto da Cruz Vermelha do Calvário, recebeu curativo e foi para casa, José S. Tiago, de 13 anos, natural de Braga, aprendiz de serralheiro, morador na rua do Mirador, 39, à Ajuda, o qual, numa oficina de serralharia, na rua Oestral, foi colido pela engrenagem de uma máquina, ficando ferido nas mãos.

Pastor ferido à marraça

Na enfermaria de São Sebastião do hospital de São José, deu entrada Manuel Formiga, de 70 anos, natural e residente no lugar de Vale Alto, concelho de Alcanena, e que quando deitava pasto a um boi foi colido por uma das hastas deste, ficando ferido no rosto e no olho esquerdo.

Jornaleiro vítima de um desastre

Na enfermaria de Santo Onofre, do hospital de São José, deu entrada José Cardoso, de 23 anos, jornaleiro, natural e residente na Golega que, há dias, ali foi colido por uma barreira, ficando contuso pelo corpo.

CONFERÊNCIAS

Protecção à infância

Na sede do grupo excursionista 9 de Setembro, travessa José Vaz de Carvalho, 14 (ao Campo de Santana), realiza-se amanhã, pelas 21 horas, uma conferência sob o patrocínio da Liga da Acção Educativa, pela sr.ª D. Judite Vieira, subordinada ao tema «A verdadeira protecção a dar à infância».

SOLIDARIEDADE

Comitê Pró Presos

Reúne hoje, pelas 21 horas.

E' já no próximo dia 25 que no Salão de Festas da Construção Civil se realiza a festa em auxílio da Caixa de Solidariedade da Federação das Juventudes Sindicistas. O programa, que é magnífico, está a cargo do «Grupo Dramático Solidariedade Operária» constando da representação do drama em 2 actos: «O delegado da 3.ª secção» e a graciosa comédia em 1 acto, «A Teimar», seguindo-se um acto de variedades.

Aos amigos da Juventude Sindicista e em especial aos camaradas filiados, a comissão lembra que na sua sede se encontram bilhetes que podem ser requisitados todos os dias, das 20 às 23 horas.

Espera a comissão que os camaradas venham hoje mesmo à sede do Núcleo da Juventude Sindicista, calçada do Comburo, 33, A, 2.ª, requisitar bilhetes para a dita festa que tem unicamente o fim de auxiliar aqueles que, lutando por uma sociedade melhor, se encontram a ferros e portanto impossibilitados de angariarem meios para o seu sustento.

Abrilhanta esta festa um distinto grupo musical.

Edições de «A Sementeira»

Práticas neo-maltusianas.....\$50
O sentido em que somos anarquistas.....\$30
A peste religiosa.....\$40
A Liberdade.....\$50
A Internacional (música e letra).....\$30

Pedidos à A BATALHA ou no Caixa do Sodrê, 8.

ORGANIZAÇÃO FERROVIÁRIA

O Conselho Federal deve resolver sobre a conveniência das Conferências Inter-sindicais de Rede

Posta a questão da conveniência imediata das conferências inter-sindicais ferroviárias do pessoal das várias redes do país, no meu artigo anterior, o momento é azado, que revigore completamente toda a organização sindical ferroviária. Amanhã reúne o Conselho Federal da Federação Ferroviária e é dessa assembleia que pode partir o plano a que me referi, para que tenham realidade as conferências inter-sindicais de rede. Sejam os delegados do S. S. do M. D. ou os da B. A. ou mesmo os componentes da comissão executiva, os que nomeiam a questão, o essencial é que o Conselho Federal a considere, a estude e a ponha em andamento. Consideramos a realização dessas conferências um caso de vida ou de morte para a organização ferroviária em Portugal. Por isso insistimos no nosso ponto de vista, que não sendo meramente doutrinário, tem consistência suficiente para desfazer os quês divergentes que surgam.

Sabemos que tal ponto de vista para ser atingido, ou melhor, realizado, exige uma soma grande de trabalho e de energias. Mas também sabemos, que todo o esforço que para manter o amorismo em que a Federação vive, por falta de actividade dos Sindicatos que a compõem, pode ser aproveitado canalizando-o sentido exposto. Muito convicentemente acreditamos que o Conselho Federal encare o assunto e sobre qualquer trabalho elaborado pela comissão executiva delibere.

Comtudo tememos que se leve para o Conselho Federal o rescaldo dos desentendimentos pessoais que liquidaram o antigo Conselho Confederal da C. G. T. e que uma dissensão estéril e já agora inútil, vá liquidar o que de bom aquele Conselho possa realizar.

A questão da C. G. T. é, com quanto isso muito pese a quaisquer dos antigos e competentes elementos do Conselho Confederal uma questão morta. Não pode pois tal questão ressuscitar no Conselho Federal da Federação Ferroviária. Os factos têm de ser encarados tal qual se apresentam e não há que tentar modificá-los, porque isso seria rematada loucura. Nem sequer há já motivo para justificar atitudes de delegados.

Cada um procedeu como entendeu e julgou melhor e as suas declarações, ou relatórios pessoais, não podem ter outra resolução por parte do conselho, senão o de serem aceites como documentos a arquivar.

Tenha-se em vista o que se passou no Sul e Sueste e o que hoje ali se passa.

Não há vencidos nem vencedores. Um pouco de transigência e abdicção por parte dos elementos desavindos, união ou nomeamento e torne possível a unidade sindical.

Faça-se o mesmo no Conselho Federal que vai reunir e ter-se-á feito muito em benefício da organização ferroviária. A própria questão da C. P. é uma questão morta. Mexer-lhe é tocar num cadáver, cujas inalações envenenam.

Por tanto, o momento é óptimo para um trabalho salutar, que de vida à Federação Ferroviária, que imprima actividade aos Sindicatos das várias redes, que desperte o pessoal sindical e leve o que o não está a sindical-se e que finalmente, dê à C. G. T. a força, a coesão e a unidade de que ela presentemente carece para se fortalecer e poder actuar.

Os delegados das redes federadas que vão reflectindo no que aí fica e que para o Conselho levem ideias já digeridas para obterem o efeito desejado.

PACIFIC

DESPORTOS

Festa desportiva

E' no próximo domingo que no campo de jogos do Operário Foot-Ball Club se realiza a festa desportiva organizada pelo União Sport Club Almadaense.

A festa começará às 15 horas, jogando contra o Vencedores de Jorais Foot-Ball Club o Grupo Sport Idencense e contra o Operário o União Almadaense.

No intervalo realiza-se um encontro de jogo de pau entre o professor almadaense sr. Domingos Miguel e o seu antigo discípulo sr. José Dantas.

LUTA DE CLASSES

Prossegue a greve dos refinadores de açúcar

Os operários refinadores de açúcar mantêm-se intransigentemente na luta que abrem contra o patronato. Os industriais procuram ludibriar o público com os comunicados que fazem inserir na imprensa burguesa, alegando sem fundamento que lhes é impossível atender as reclamações dos operários. Foi nomeada pelas grevistas uma comissão que hoje se avistará com os industriais. A classe está em sessão permanente, aguardando as respostas dos industriais.

Impressores Tipográficos

A direcção do Sindicato convide os componentes da classe, associados ou não, desempregados ou que não trabalhem as semanas completas, a inscreverem-se nas listas que estão patentes na sede sindical.

Como do número de inscritos depende os trabalhos a realizar, todos os interessados devem, com urgência, acorrer a esta convocação, visto que a indiferença muito os poderá prejudicar.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete Avon são hoje expedidas malas postais para Pernambuco, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires, e pelo paquete Alouira para Las Palmas, Madeira e por via Funchal para a África Austral, Cabo da Boa Esperança, Elisabeth e África Oriental, sendo da estação central dos Correios as últimas tiragens da correspondência registada, respectivamente às 9 e 11 horas e da ordinária às 11 e 13 horas.

INTERESSES DE CLASSE

Alguns reparos à obra da Delegação da Associação de Classe do Pessoal dos Hospitais Cívis em Coimbra

Com interesse e com simpatia, tenho acompanhado a campanha em prol da dignificação da Delegação da Associação de Classe do Pessoal dos Hospitais Cívis em Coimbra, que o correspondente de A Batalha nesta cidade vem sustentando nas colunas deste jornal defensor dos interesses dos trabalhadores e oprimidos.

Como reconheço nessa campanha elevados intuitos de justiça e de regeneração e de defesa dos interesses dos associados daquela colectividade, que não tem hoje correspondido aos fins para que foi criada, apresso-me a vir, voluntariamente, trazer o meu subsídio para essa campanha altamente moralizadora, que A Batalha iniciou.

Tem visto aqui a luz da publicidade das e eloquentes provas da esterilidade da Delegação da Associação do Pessoal dos Hospitais Cívis em Coimbra, as quais têm sido corroboradas por todos aqueles que a dentro dos Hospitais trabalham e aos quais não foi ainda inoculado o vírus peçonhento do indiferentismo e da vaidade pessoal.

Como todos sabem, está às portas o II Congresso Nacional de Saúde. Não obstante, a Delegação de Coimbra não pensou até agora em delinear qualquer trabalho para ser presente ao Congresso, ou sequer, tomar quaisquer disposições preliminares, emfim, preparar-se para participar nesse grande acontecimento, que a todos nós, os que trabalham nos serviços hospitalares, deve merecer especial interesse. Está-se mesmo a ver que a Delegação de Coimbra, este ano, nem sequer os seus representantes lá enviará, nem ao menos a título de diversão...

Talvez que se se tratasse dum aniversário da Central, em vez dum fôsser dois ou três delegados, ainda que para isso fosse mister ir ao depósito da Caixa Económica arrancar grande quantia.

E' vergonhoso, supinamente vergonhoso para uma colectividade, verificar que ela mantém à frente dos seus destinos criaturas cujo tino administrativo somente se demonstra por um acumulação de verbas em depósito, donde apenas são desviadas importâncias para as despesas a fazer com inutilidades, enquanto a Delegação persiste numa situação de dependência, sendo ainda hoje todo o mobiliário que na sua sede existe pertença da União Artística Combricensis.

Se de hoje para amanhã a União Artística desalojar da pequena e quasi imprópria sala, a Delegação, ficará esta reduzida a uns tóscos bancos que mais parecem dum antigo refeitório que dum sala de reuniões dum classe que devia sentir vergonha de chegar a este estado indigno.

A Delegação de Coimbra não mandará representação ao Congresso. Mas, ainda que o acaso o permitisse, estamos certos de que essa representação não passaria de corpo presente, porque a falta de iniciativa é grande e o medo, o horror das responsabilidades maior. O medo, muito maior, sim!

A prova está em que entre os associados há muito quem acredite que o movimento associativo dentro dos Hospitais representa uma transgressão à disciplina hospitalar.

A representação da Delegação de Coimbra no I.º Congresso foi motivo de mofo e ditos por parte de alguém bastante categorizado, que deveria possuir uma mais perfeita noção dos seus deveres sociais e mais respeito pelos movimentos esboçados pela sua classe em prol do máximo bem-estar e da dignificação dos seus camaradas.

E' nestas reuniões magnas de classes que a independência de carácter se prova e é delas que as classes saem mais emancipadas do jugo daqueles que se supõem com o direito de exigir uma obediência cega e avilante da parte dos subalternos.

E' também por parte dos Congressos que se alcança o estreitamento de relações entre os indivíduos da mesma profissão, estreitamento tão necessário para o bom desempenho da sua missão social como para a conquista das suas regalias.

E se alguma classe há que precise de melhor as suas condições, essa classe é, sem dúvida, a dos serviços de enfermagem dos hospitais de Coimbra. Ela precisa de se emancipar, de adquirir um certo grau de independência, porque, de contrário, voltará aos negros tempos da servidão, em que poucos direitos usufruía e em troca sorria o peso de pesados deveres.

Queixa-se o pessoal de que está sendo sobrecarregado com as mais destrabalhadas ordens de serviço, quando afinal é ele o único culpado, pois em vez de promover o desenvolvimento da sua associação, abandonou-a e dividiu-se, dando margem a que aqueles que se confessam frequentes vezes seus amigos (?) lhes deem provas dessa amizade, coartando-lhes tudo aquilo em que possa haver um pouco de regalia.

Terminando, diremos que ao pessoal — e só a ele — compete modificar a vergonhosa situação do presente, apendo dos cargos, que ilegitimamente ocupam, os seus falsos amigos e orientadores, e fazendo, com gente mais sensata e mais honesta, integrar na verdadeira senda da defesa e da conquista de regalias a colectividade que se intitula: Delegação da Associação de Classe do Pessoal dos Hospitais Cívis de Coimbra. — Um enfermeiro.

Suplemento semanal ilustrado de «A Batalha»

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonzo, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00.

Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Comissão administrativa

Reuniu ontem a comissão administrativa ocupando-se de vários expedientes e tomou conhecimento de ofícios dos seguintes organismos: Marítimos de Faro, retardado, Rurais de Santo Aleixo, Rurais de Aldeia de Barros, respeitante a propaganda. Resolveu-se oficiar aos mencionados organismos.

Recebeu-se um ofício do Sindicato Metalúrgico Lisboa convidando a representar-se a C. G. T. na sessão de homenagem a Francisco Viana no próximo dia 19, sendo nomeado Faustino Ferreira para tomar parte nesta sessão.

Receberam-se outros da Associação dos Manufatureiros de Teófilo de Gouveia e uma carta dos presos de Monsanto, tomada na devida consideração, e ofícios credenciais nomeando delegados ao futuro Conselho Confederal dos seguintes organismos: Federação Corticeira, Chauffeurs e União dos Sindicatos Operários de Évora.

Reúne esta comissão na próxima segunda-feira para continuação dos trabalhos pendentes e de urgente solução.

Camara Sindical do Trabalho DE LISBOA

Conselho de Delegados

Reúniu-se antontem o Conselho Geral de Delegados da Camara Sindical do Trabalho de Lisboa com a presença dos delegados dos seguintes sindicatos: Alfaiates, Metalúrgicos, Manipuladores de Pão, Construção Civil, Pessoal do Município, Pessoal de Cámaras, Corticeiros de Lisboa, Empregados Barbeiros, Mobiliário, Empregados no Comércio e Manufatureiros de Calçado.

Lido em primeiro lugar um ofício do Pessoal Arsenalista de Marinha, em que se verifica, por uma moção aprovada em assembleia geral, que essa classe aguarda as resoluções deste conselho para agir em conformidade com as mesmas, o delegado dos alfaiates, em nome do seu sindicato, congratula-se com a atitude dos arsenalistas de marinha a qual é registada com palavras de louvor para a mesma classe.

Roque, dos Operários do Município, declara estar em desacordo com os dois outros delegados do mesmo sindicato e por isso não votou a atitude, nem com ela se solidariza, que tiveram os seus co-delegados na sessão transacta.

Rodrigues, dos Empregados do Comércio, fala largamente sobre o parecer da Comissão Instaladora, demonstrando os pontos de vista do seu sindicato. Segue-se o relator, que com abundantes argumentos defende acaloradamente o parecer de que é autor.

Em seguida é o parecer votado por unanimidade na generalidade. O secretário geral propõe para que na especialidade cada orador use da palavra sobre cada capítulo apenas dez minutos e cinco da segunda vez, exceptuando o relator. Foi aprovado.

E' lido o capítulo «Organização», tendo o delegado dos metalúrgicos proposto que se discutisse também o capítulo «Unidade Sindical» por ter matéria que considera também de organização. O relator responde que os dois capítulos são absolutamente diferentes pois enquanto no capítulo «Organização» se defende que devem entrar para a organização os sindicatos que, por razões alheias à questão de tendência se desviaram dela enquanto que o congresso tem por fim uma unidade sindical com todos os sindicatos de Lisboa. Posta a votação a fusão dos dois capítulos é rejeitada por sete, aprovado por dois, sendo nulos três votos. As conclusões 1.ª e 2.ª do capítulo «Organização» são aprovadas.

Os metalúrgicos propõem a supressão da conclusão 3.ª. Os Empregados do Comércio discordam.

O delegado dos Manufatureiros de Calçado lembra que os organismos incursos no n.º 5 sejam organismos operários, estando nestas condições anti-proletarianas os Cortadores de Carnes Verdes. Apresenta um documento neste sentido.

Finalmente o n.º 3, 4 e 5 fica apenas com o n.º 3 que passou a ter a seguinte redacção: «Procurará conseguir a adesão de novos sindicatos, recondução dos que hajam saído, reorganização dos que se encontrem desorganizados e organização de novos onde se possa conseguir, implicitamente a adesão à Confederação Geral do Trabalho».

Esta proposta de emenda, apresentada pelos metalúrgicos, foi aprovada, depois da declaração por parte do sindicato metalúrgico de que aceita no seu seio engenheiros, mestres, etc., assim como aqueles sindicatos que tivessem saído da organização por questões ideológicas.

O delegado dos Manufatureiros de Calçado usa ainda da palavra, justificando o seu documento, que fica prejudicado.

E' lido o capítulo «Crise de Trabalho e Horário de Trabalho». Os Metalúrgicos, Mobiliários e Manufatureiros de Calçado não concordam com os fiscais de horário de trabalho, fazendo este último, interessantes considerações sobre as classes que o conseguiram revolucionariamente, reconhecendo, no entanto, que os Empregados no Comércio defendam a fiscalização devido a sua condição psicológica, mas para outras classes não concebe que um revolucionário se abeira de um polícia para se fazer cumprir a lei do horário.

Neste sentido envia para a mesa uma emenda à conclusão 1.ª. O delegado da Construção Civil declara que a classe que representa conquistou o horário com o seu próprio esforço e todavia não acha que seja perda de revolucionarismo reclamar-se o auxílio da polícia para o seu cumprimento, considerando menos revolucionário o que foga da polícia.

O delegado dos Operários do Município entende que nesta Câmara estão muitos sindicatos e que fique ao critério de cada sindicato o defender o horário como melhor entender.

O delegado dos Barbeiros está de acordo com a emenda dos metalúrgicos.

Hoje, para continuação dos trabalhos, volta a reunir o Conselho às 21 horas.

COMUNICAÇÕES

Federação do Livro, do Jornal e Similares — Reúniu-se o conselho central com a representação dos seguintes organismos: Conselho Inter-federal do Norte, Compositores, Impressores, Encadernadores, Litógrafos e Liga de Santarém. Antes da ordem dos trabalhos registaram-se algumas esclarecimentos à acta da sessão anterior, depois do que foram lidos vários ofícios, uns acreditando delegados, e outros dos organismos do Norte emitindo pareceres sobre a nomeação de delegados ao conselho confederal. Debatidos estes largamente, terminou a discussão pela aprovação, por maioria, dum documento apresentado pelos delegados do Sindicato dos Impressores, no qual o conselho central ratifica a nomeação do camarada António Monteiro de delegado à C. G. T., reconhecendo que ele nunca tentou desviar a organização gráfica dos seus objectivos ideológicos nem nela praticou actos desonestos que possam pôr em cheque a sua honrabilidade, isto ao contrário do que se deduz duma local publicada num jornal do Porto e do texto dos ofícios dimanados dos organismos do Norte. O conselho tomou também conhecimento de que o temporário afastamento de A. Monteiro da organização gráfica foi devido a circunstâncias de ordem particular, portanto defesas à mesma, e absolutamente voluntário e que a nomeação daquele camarada está dentro das normas estatutárias, visto que, nomeado delegado ao conselho federal pela Liga de Santarém logo após a reunião do Congresso, está em igualdade de circunstâncias com todos os outros delegados por o efeito da nomeação de delegado à C. G. T.

Sendo necessário nomear outro delegado ao conselho confederal em substituição de Delfim de Sousa Pinheiro, que pediu a demissão, recaiu a escolha no camarada Alfredo Marques, delegado dos Profissionais da Imprensa.

Por último foi resolvido instar com os vários organismos que ainda não responderam à circular que lhes foi enviada, de inquérito aos indivíduos que, sendo inculcados públicos, trabalham na indústria particular, para que respondam com brevidade a fim de se dar cumprimento ao resolvido no Congresso de Santarém.

Pessoal do Município — A comissão administrativa do sindicato, lembra a todos os operários, sócios da Caixa de Socorros e Reformas, a conveniência de comparecerem à assembleia geral que se realiza no edifício da câmara, largo do Pelourinho, no próximo domingo, às 13 horas.

Vendedores de Jornais — Reúniu-se a assembleia geral que tratou do descanso dominical e assuntos internos. Nomeou: como agregados à direcção, António da Silva e José Maria Pinho; delegados à F. L. J., Manuel Dias Matos e Alfredo Marques Pereira.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

Sindicato U. Mobiliário — Pelas 21 horas, os corpos gerentes e delegados à C. S. T. para assunto urgente.

Profissionais Culinários — Pelas 22 horas, assembleia geral.

Federação Metalúrgica — Pelas 21 horas, o Conselho Federal para prosseguir na discussão dos trabalhos pendentes da sessão anterior e nomear delegados à C. G. T.

Federação Mobiliária — Pelas 21 horas a comissão revisora de contas do 1.º semestre.

S. U. C. C. — Conselho de Secções — Pelas 21 horas, com a presença dos delegados auxiliares ultimamente nomeados.

Secção dos Canteiros — Pelas 21 horas, a comissão revisora de contas.

Secção dos Serventes — Pelas 20 horas, a comissão administrativa.

Litógrafos — Pelas 19 horas, a comissão administrativa, devendo comparecer todos os delegados de oficinas.

Manufatureiros de Calçado — Pelas 21 horas, a comissão administrativa e a secção do Alto do Pina.

Pessoal de rebocadores — Pelas 20 horas, assembleia geral, a fim de se tratar do conflito dos fragateiros com a C. U. F. além de assuntos de interesse para a classe.

Consultas jurídicas

O advogado do antigo Conselho Jurídico dará hoje consultas, das 21 às 23 horas, na sede da C. G. T., a todos os operários que se apresentem munidos das cadernetas confederais em dia.

INSTRUÇÃO

Universidade Nacional de Instrução e Educação

Continuam abertas, das 20 às 23 horas, as matrículas dos cursos nocturnos